

# **LIBERDADES MUITAS: ENCONTROS E DISCURSOS NO CONFRONTO IDEOLÓGICO ENTRE AMERÍNDIOS E JESUÍTAS**

**Aluna: Agnes Alencar**

**Orientadora: Eunícia Barros Barcelos Fernandes**

## **Introdução**

O significado de liberdade não é unívoco e o encontro entre índios e não-índios estimulou compreensões diferentes sobre o que era ser livre nos séculos XVI e XVII. Na pesquisa que venho desenvolvendo através das atividades do PET-História procuro identificar o significado de liberdade presente na religião católica, mais especificamente na prática jesuítica, para refletir sobre sua influência no trato com os nativos, inclusive norteando ações colonizadoras de outros agentes sociais. Em 1639 o papa Urbano VIII edita um breve acerca da liberdade dos ameríndios, a partir desse breve destaco duas reflexões: a primeira, a conexão entre liberdade do corpo e liberdade da alma estabelecida na visão católica, considerando que o desejo do papa em manter livres os índios, ou seja, definir a liberdade de seus corpos diante do processo colonizador, claramente se articulava ao objetivo de incentivá-los à conversão, ou seja, aquilo que a Igreja definia como a liberdade da alma, implicando na retirada de obstáculos que acreditava que os afastassem da religião. A segunda reflexão se estabelece na relação entre o espaço sagrado e o profano e sua ligação com a liberdade dos índios, considerando que a colonização contava com dois braços, um com armas de fogo, outro com Bíblias e cruces. A luta pelo território se dá em dois espaços, o terreno e material e também o espiritual e transcendente. Considero que, entre católicos, o domínio exercido sobre a terra definia uma obrigatória sacralização da mesma. Para os contemporâneos, no sagrado residiria a real liberdade, portanto, dentro da conversão, a liberdade assumiria sua completude. O trabalho procura argumentar sobre a especificidade do sentido de liberdade no caso americano, na experiência com ameríndios.

## **Objetivos**

O trabalho pretende compreender como as crenças européias cristãs influenciam a forma de ver os ameríndios e como isso gera, eventualmente, medidas diversas de exploração ou proteção do outro. Pretende ainda investigar como a Bula de 1639 se insere em uma luta mais antiga pela liberdade nos ameríndios e pela salvação de suas almas.

## **Metodologia .**

O discurso em si é um tema que me encanta. As possibilidades diversas que as palavras podem assumir tornam essa questão ainda mais fascinante. A escolha de vocábulos não é ingênua, e a força que eles contêm não pode ser dissociada de seu tempo. A Companhia de Jesus assumiu, desde sua fundação em 1540, um compromisso catequético perante alteridades, o que, no caso americano, implicou na articulação entre a catequização dos índios e o seu *modo de proceder*, o que também definiu uma nova forma de pensar e interpretar o cristianismo. Segundo o historiador José Eisenberg, em seu livro *As missões Jesuíticas e o pensamento político moderno*[1], existe uma inovação metodológica que reflete todo o pensamento político moderno e que serve de contexto para essa mudança ideológica. Essa nova forma de interpretar o cristianismo coloca os jesuítas como ponte entre os espaços

sagrado e profano, que em momento anterior não se tocavam. O tema dos espaços sagrado e profano é trabalhado por Mircea Eliade em seu livro *O Sagrado e o Profano*[2]. Para analisar a lógica missionária utilizo além de Eisenberg, o livro de Luiz Felipe Baeta Neves *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios* [3].

A ponte entre os dois espaços era necessária para que a ação gerada pelo encontro inicial se concretizasse. Os missionários buscam santificar a terra considerada profana para conquistar, a seu modo, novos terrenos em nome da Igreja. O Breve de 1639 marca essa luta pela santificação do espaço. A liberdade deve ser concedida aos ameríndios para que nada seja empecilho na jornada de salvação. No imaginário cristão europeu, o corpo ameríndio também faz parte do espaço que deve ser sacralizado. Como podemos perceber no Breve papal de 1639, para esses homens, a liberdade do corpo está intimamente ligada à salvação da alma. Uma pode completar ou impedir a outra. A liberdade que eles recebem tem um fator motivador que é retirar os obstáculos que os religiosos acreditavam que afastavam os ameríndios da ordem religiosa, e somente nestes termos a liberdade alcança sua completude. Porém, é interessante observar que a compreensão religiosa define regras para a vivência dessa liberdade, assumindo que a liberdade do corpo não poderia ser mal utilizada, pois se assim fosse, o próprio corpo se transformaria em território profano e a santificação se perderia. Portanto, neste encontro entre jesuítas e ameríndios é preciso manter as mãos e as pernas livres: para que as mãos indígenas se encontrem em sentido de reza e para que os joelhos se dobrem frente à imagem santa. Esse inscrever da salvação em corpos ameríndios é uma temática que Thiago Florêncio tratou em sua dissertação de mestrado, *A busca da salvação entre a escrita e o corpo: Nóbrega, Léry e os Tupinambá* [4] e que utilizo na construção do trabalho.

## Conclusão

A minha análise do tema e das possibilidades do documento ainda estão no esforço inicial, entretanto, a temática tem dirigido minhas escolhas quando da realização de todas as atividades PET como fichamentos, resenhas e artigos, o que acredito sejam de especial valor para a construção de minha futura monografia. Por ora posso dizer que para a Igreja católica do século XVII era preciso libertar o corpo do índio da servidão para que sua alma encontrasse o caminho da outra liberdade, Cristo Porém, esta não seria uma liberdade que permitisse aos ameríndios fazer qualquer coisa. A liberdade proposta pelo Breve de 1639 buscava retirar os obstáculos que os religiosos acreditavam que afastavam os ameríndios da ordem religiosa, e somente nos termos da salvação a liberdade poderia alcançar seu potencial máximo, seu objetivo primeiro.

## Referências

- 1 - EISENBERG, José. **As Missões Jesuíticas e pensamento político moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- 2 - ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 3 - BAETA-NEVES, Luiz Felipe. **O Combate dos soldados de cristo na terra do papagaios**. Rio de Janeiro: FGV, 1974. (Dissertação de Mestrado)
- 4 - FLORÊNCIO, Thiago de Abreu e Lima; FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. **A busca da salvação entre a escrita e o corpo: Nóbrega, Léry e os Tupinambá**. 2007. Dissertação (mestrado).